

O retorno para a festa



Marilda Ap. de Menezes*
Socorro Pereira**
Jaldete Soares***
Hermano José****

Vários estudos sobre a migração nordestina para as áreas urbanas da Região Sudeste têm ressaltado que a idéia de retorno à terra natal está presente desde os primórdios — décadas de 1930/40 — até os dias atuais.

É bem verdade que a expectativa de retorno nem sempre se concretiza, e, muitas vezes, embora ele ocorra, não há uma fixação definitiva na origem.

Independente da expectativa de retorno, o que gostaríamos de ressaltar é que a ligação com a terra natal é muito forte para os migrantes em geral. Mesmo para aqueles que estão há 20/30 anos afastados de sua origem, é frequente a volta para passear, momento em que se reforçam os laços de amizade e de parentesco, mantendo viva, na sua memória, a cultura de sua terra.

Neste artigo, analisaremos como os migrantes ainda preservam, embora transformados, os traços culturais de sua terra de origem. Tomaremos o fenômeno da volta massiva do Sudeste para o Nordeste, por ocasião dos festejos juninos.

A pesquisa baseou-se em entrevistas realizadas com migrantes que vieram de São Paulo e Rio de Janeiro para os festejos juninos em 1989, e se dirigiram às áreas rurais de Campina Grande e municípios vizinhos: Puxinanã, Queimadas e Remígio, no Estado da Paraíba.

A média de ônibus que, diariamente chegam a Campina Grande, provenientes das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, é de dois por dia, com exceção dos meses de dezembro e janeiro quando este número eleva-se para cinco ou seis. Entretanto, às vésperas dos festejos juninos, no mês de junho portanto, chegam a esta cidade nada menos que dez ônibus por dia procedentes das capitais acima mencionadas.

De Campina Grande, que pela sua localização é passagem para quase todo o interior paraibano, muitos migrantes tomam destino rumo às vizinhanças — pequenas cidades, sítios, fazendas, etc. E, a preferência em retornar à terra natal na época de São João, é por eles justificada por ser um tempo de fartura e de festa:

"Porque é uma época boa, tem muita fartura, milho, feijão, é bom demais aqui, sabe!" (dono de bar, Rio de Janeiro, 35 anos).

"Muita coisa boa, muito forró gostoso, forró bom, coisa do passado que eu dançava muito, gostava muito do São João, então eu vim lembrar um pouco" (empregada doméstica, Rio de Janeiro, 45 anos).

O fato de o mês de junho representar um "tempo de fartura e de festa" está ligado ao ciclo agrícola das regiões de origem dos migrantes. O calendário anual das cidades da Região Sudeste, entretanto, não contempla as especificidades culturais e religiosas dos trabalhadores. Os migrantes para poderem sair de férias e vir em sua terra natal em período de festa, que muitas vezes não coincidem com os do patrão, utilizam-se de diversas estratégias, apelando, até para o pedido de demissão.

Os depoimentos são ilustrativos neste sentido:

"Meu patrão me autorizou a passar vinte dias, mas só que eu não vou obedecer, eu quero passar mais de um mês." (empregada doméstica, Rio de Janeiro, 45 anos).

"Uma amiga minha de Alagoas pediu quinze dias para o patrão, mas ele só queria dar seis dias. Daí ela pediu as contas. Eles comentam que a gente não quer trabalhar, só quer saber de festa. Eles não entendem que a gente quer ver os amigos, vir para o São João. Por eles, não davam folga de jeito nenhum." (operária, São Paulo, 30 anos).

Ao tomar tais atitudes aos migrantes expressam que, apesar de submetidos a relações opressoras de trabalho e à vida agressiva da cidade, ainda conseguem garantir uma certa liberdade de decisão sobre sua vida. Desta forma, mostram que a vida tem uma dimensão mais ampla e profunda do que meramente a do trabalho.

Como bem expressa Weffort (1988:22) "para um imigrante pobre, viver só para trabalhar significa quase o mesmo que viver só para ser explorado". É nesta perspectiva que podemos entender porque diante do impasse entre a manutenção do emprego e a vinda para a festa, esta pode assumir maior relevância. É esta, talvez, a possibilidade de resguardar a sua identidade, a sua liberdade.

Os festejos juninos também representam um tempo que transcende a rotina do trabalho enfadonho no Rio de Janeiro e São Paulo. É a possibilidade de renovar as energias consumidas e permitir reflorescer o que de mais precioso guardam de sua terra; a convivência com os familiares, os amigos, o forró, as comidas típicas.

FESTA E VIDA CAMPONESA

A festa de São João é comemorada na véspera do nascimento do Santo — 24 de junho — que no Estado da Paraíba, coincide com o tempo de inverno, período da colheita: fartura e dinheiro em contraposição ao tempo de verão, quando predomina a seca e a escassez. A ligação do ciclo agrícola com os santos não se restringe a São João. O Dia de São José — 19 de março — é também anunciado como início do inverno. Diz a tradição popular que, se não chover nesse dia, é sinal de seca; se chover, a esperança é de bom inverno. Assim o tempo, na cultura camponesa, obedece ao ciclo produtivo da terra, bem como é marcado pela data de alguns santos. Como coloca Prado (1977), o tempo é uma categoria que se constrói a partir das formas específicas com que um grupo se organiza socialmente.

Embora as festas juninas representem um momento no ciclo de vida camponesa, elas não marcam uma continuidade do tempo, mas, antes, ainda de acordo com Prado "é um tempo de divertimento", um contexto de não-trabalho, onde a transcendência do ordinário se apresenta como princípio estruturador" (p. 82). Assim, a festa representa um período propício para o surgimento de fatos novos que escapam à normalidade das regras que ordenam o cotidiano.

Significa também um tempo de renovação da vida. É também "pelo São João" que se reformam e se pintam as casas, compram-se objetos, móveis e roupas novas. Isto se dá por ser o período dos primeiros lucros, ocasião em que o camponês vende o feijão verde, o milho verde, a "criação": porco, galinha, etc., podendo, assim, afetar as compras. É interessante, ainda, observar que, na área rural, quase não se diz mês de junho, mas sim "mês de São João". Os camponeses referem-se a acontecimentos no ano, tomando como marco o "São João": "é no mês de São João que fulana vai se casar", "que vamos fazer uma festa".

Segundo depoimento de José Laurenti-

no, poeta popular, de Campina Grande, tradicionalmente, os festejos juninos começavam com as novenas de Santo Antônio, ocasião em que todos os rapazes e moças caprichavam com a melhor roupa, pois era quando começavam os namoros, casamentos; e as comemorações continuavam com a festa de São João.

Os preparativos anteriores: a colheita do milho, a feitura das comidas (pamonha, canjica, bolo de mandioca) e a confecção de roupas novas, eram parte integrante do todo da festa.

A fartura, segundo os camponeses, era um dos símbolos da alegria da festa:

"Na fazenda que meu pai morava eram umas 60 famílias de morador. Cada ano era um morador o dono da festa. Era sempre um agricultor, ele oferecia toda a comida, matava porco, bode, galinha. Era muita, muita comida, como se fosse um casamento. E também saía muita comida de milho. Naquela época eu não me lembro nem em ouvir falar em carestia. Os moradores tinham toda liberdade de criar". (ex-camponesa, 60 anos).

É tradição acender a fogueira, em torno da qual são feitas as adivinhações e se consagram comadres e compadres de fogueira. Para os mais velhos este costume significa um compromisso forte de amizade e respeito pelo resto da vida.

Um outro elemento forte da tradição do São João, são as adivinhações em torno do casamento e da morte, o que nos sugere que a festa é também uma forma dos camponeses simbolizarem a reprodução humana e agrícola.

No Dia de Santo Antônio se rezava uma novena, seguida de uma cantoria ou de um forró, conhecidos como "forró de latada", isto é, um espetáculo de puxado na frente da casa com o chão de barro batido. Os cantadores começavam fazendo alusão a São João e depois passavam a cantar outros motes solicitados pelas pessoas presentes.

Ainda segundo José Laurentino, os temas eram "singelos, românticos, sem muitas apelações para o erotismo", como a música de Zé Marcolino que dizia "Todo tempo quanto houver prá mim é pouco, prá dançar com meu benzinho numa sala de reboco".

Todas as manifestações em torno do São João — as comidas típicas, oferecidas aos amigos e parentes como forma de partilhar a colheita, a fartura de cada um, o forró, as adivinhações, os laços de compadrio de fogueira expressam o reforço das relações de amizade e parentesco e também de renovação da vida através de



novos namoros e casamentos.

Como uma manifestação da cultura popular, a festa de São João, não se estagna no tempo: é marcada por transformações que não a destroem completamente. Pelo contrário, ao longo do tempo e das transformações ocorridas, ela é reelaborada, recriada sob outras formas, ganhando novos significados ou ressaltando alguns significados em detrimento de outros que vão se esmaecendo.

Através da opinião de alguns personagens envolvidos nos festejos — os camponeses, o cantador, o poeta, o migrante — tentamos perceber essas mudanças. Uma delas diz respeito às condições de vida: os camponeses lembram, com lamento, o tempo de fartura de 20, 30 anos atrás:

"Antigamente reunia todo mundo, era aquela festa, hoje eu não vejo isso, não vejo. Ia comer na casa do outro e tinha muita fartura, viu! Tinha também muito festejo de fogos, de bombas, buscapé. Hoje é mais pouco, ninguém vê quase disso. Ninguém pode comprar". (camponês, 55 anos).

Embora haja um processo nítido de empobrecimento na região estudada, os

camponeses e migrantes simbolizam os festejos juninos por um "tempo de fartura e de festa". Vemos que "tempo de fartura" expressa, na maioria das vezes, o período de milho verde e feijão verde, pois dado o diminuto pedaço de terra ou devido à seca, a colheita frequentemente só é suficiente para "comer verde".

Assim "tempo de fartura" se mantém mais como uma simbolização de "um tempo real de fartura", quando a produção agrícola era suficiente para atender as necessidades de manutenção da família durante todo o ano, incluindo os gastos das festas: dos casamentos, dos batizados, do São João, do padroeiro da cidade, etc., e, eventualmente, para a compra de alguns animais, que consubstanciam a reserva de valor do camponês.

A simbolização do São João como "um tempo passado de fartura" revela que ele ainda tem um significado muito importante na vida camponesa. Embora, cotidianamente, não se viva mais um "tempo de fartura" é no São João que se revive a abundância da agricultura, momento de superação das privações sofridas ao longo do ano.

Na percepção do poeta popular, os festejos juninos na zona rural começaram a perder sua autenticidade com a entrada do forró no salão de baile da cidade.

"Lá pelos idos de 1972, 74, foi quando a novena lá do pé-de-pau, como a gente chama, foi sendo meio tragada por esse advento do forró oficial do baile. As moças vinham para as novenas e lá pelas 11 horas da noite já passavam para o baile de Puxinanã." (José Laurentino).

Simultaneamente ao baile da cidade, aconteceram outras mudanças no uso dos instrumentos e nos temas musicais. Os temas já não preservam a linguagem junina. Os instrumentos tradicionais do forró — sanfona, triângulo e zabumba — passam a ser substituídos por instrumentos eletrônicos, descaracterizando o ritmo e o som autêntico do São João.

As mudanças na economia camponesa, nos ritmos e temas musicais, o surgimento do baile da cidade em detrimento do "forró de latada" e das cantorias, a expansão dos meios de comunicação de massa, com a introdução da radiola no campo, dão um caráter aos festejos juninos que os diferenciam do São João autêntico da zona

rural. Ao analisarmos o retorno dos migrantes para os festejos juninos percebemos que não se trata mais de uma volta às raízes, tais como elas eram há 20, 30 anos atrás. Os migrantes não buscam os cantadores e os "farrós de latada", mas sim os farrós de salão, seja nos povoados no campo, nos salões da cidade ou no Parque do Povo em Campina Grande, cenário onde a festa assume um caráter turfístico.

Assim, a cultura do migrante sofre um processo permanente de reelaboração, seja na própria origem no campo quanto na vivência do mundo urbano no Rio de Janeiro, São Paulo, etc.

Na próxima parte vamos analisar como o migrante preserva alguns traços de sua cultura.

A IDENTIDADE CULTURAL

No período das festas juninas, os migrantes lembram com saudade e tristeza, por não estar em sua terra natal e, às vezes, até armam pequenas fogueiras, em torno da qual se reúnem os conterrâneos, desenrolando conversas de sua terra.

"Todo mundo diz na brincadeira: traz um milho prá mim, traz uma pamonha. Todo mundo se lembra assim da tradição."

Outros se expressam, rejeitando a forma como esta data é lembrada em São Paulo:

"Quando era dia de São João e eu estava em São Paulo, às vezes vinha a pé pela Paulista e via aquelas comidas artificial, aqueles milhos artificial, minha vontade era socar aquilo tudo, estourar tudo de raiva, porque... Na minha terra, vendo todo mundo brincar e eu sem poder brincar, sem nada. É tudo artificial, a fogueira, aqueles milhos lá pendurado, aqueles balão velho que não pode voar, entende? Sei lá, tanta coisa diferente. Os paulistas tudo... Sei lá, os caras só querem ser mais do que eles, entende? Só porque tem mais grana do que a gente, eles querem judiar da gente, não tem graça." (autônomo, 21 anos, atualmente residindo em seu município de origem: Remígio, Paraíba).

Nesta forma de elaborar a rejeição ao São João de São Paulo, o migrante revela sentir a descaracterização de sua cultura. Isto aparece entremeadado de sua revolta contra a discriminação por parte do paulista.

Ao contrário, este mesmo migrante reage com um sentimento de identificação, quando ouve falar do São João de sua terra:

"Quando eu vi a propaganda falar em Campina Grande "O maior São João do

Mundo", me dá uma emoção assim que me dava vontade de entrar na televisão. Aquele pessoal todo dançando forró. Os paulistas falam que é um monte de baiano, mas não é não, eles não sabem o que é coisa boa."

Mesmo os migrantes mais antigos radicados em São Paulo ou no Rio de Janeiro, permanecem com relações com sua cultura de origem. Uma migrante de 40 anos, residente há 22 no Rio de Janeiro, com filhos aí nascidos, criados e casados, e que há 15 anos não vinha à Paraíba, demonstra-nos em seu depoimento que, por ocasião dos festejos juninos, sua cultura é fortalecida e reavivada.

"Aqui no Norte as coisas são tudo mais gostosa. No Rio você é do trabalho prá casa e da casa pro trabalho. O cinema não tem graça. O teatro não tem graça. Se você for a um baile lá (no Rio) é uma porcaria, não presta o baile do Rio, não gosto. Baile mesmo é aqui no Norte, porque você brinca, tem animação. As coisas daqui tudo é animado. Até se morre alguém, uma turma da gente já faz uma animação, já vai pensando arranjar uma namoradinha. Se não fosse as dificuldades assim de trabalho prá arrumar dinheiro, eu não trocava o meu lugar por dez Rio de Janeiro nunca! (empregada doméstica, Rio de Janeiro, 49 anos).

Não há mais a fatura da comida, a fogueira já não é tão grande, mas o forró na cidade ou no campo toma conta do mundo. Vemos camponeses de mãos calejadas e rostos marcados de rugas, que no requebrar de seus corpos, exibem-se como mestres na dança; operários migrantes, sujeitos ao trabalho disciplinado, que lhes escraviza o corpo, sentem-se como que reapropriando-se dele. É comum dizerem que "estavam enferrujados", mas com o forró vão se amolecendo. Obedecendo a horários, a ordens; preso a obrigações assumidas a partir de um contrato de trabalho; imerso na dinâmica de um mundo no qual o tempo está calculado de modo a que o mínimo instante seja utilizado integralmente para a produção, o migrante/trabalhador perde, na cidade grande, o controle sobre seu próprio corpo. Procurando "extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis", o patrão utilizando o princípio da não-ociosidade, "procura intensificar o uso do mínimo instante, como se o tempo, em seu próprio funcionamento fosse inesgotável" (Foucault, 1988:140).

No retorno à terra natal para a festa de São João, o migrante, usando o princípio do não-trabalho, faz com que cada minuto de seu tempo e toda a energia de seu corpo, sejam utilizadas para usufruir da festa,

da música, da dança, do convívio com parentes e amigos, da bebida... até a volta à sujeição às regras da cidade grande e do trabalho.

Todo este espírito de alegria, exaltação, de completo êxtase, na profunda reintegração ao habitat, é cimentado pelas relações de parentesco e amizade. A animação é propiciada pelo ambiente, pelo estar em casa, entre amigos e parentes. Como vimos, a festa camponesa tem como objetivo reforçar laços comunitários e de recriação da vida. O migrante, quando retorna para a festa, ao mesmo tempo que reconstrói e reforça esses laços, também alimenta sua cultura. A festa, ao ser partilhada por camponeses e migrantes, representa uma reafirmação de um grupo, não mais a do camponês fixo num espaço, mas o dos migrantes, dos ainda camponeses, dos migrantes/camponeses. Estes através dos traços culturais que lhe são próprios, apesar de reelaborados, demonstram que são portadores de uma identidade cultural, que está presente no campo, nas pontas-de-rua das cidades interioranas, nas cidades médias e capitais do Nordeste e nas grandes metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo.

Do migrante arrancaram a terra, o convívio com seus familiares, mas a sua cultura caminha consigo para onde quer que se destine.

*Prof^º da Universidade da Paraíba, Campina Grande e membro da Coordenação Nacional do Serviço Pastoral dos Migrantes.

**Prof^º da Un. Federal da Paraíba, Campina Grande. Departamento de Educação.

***Prof^º e Diretora da Fac. Comunicação e Artes da Un. Estadual da Paraíba.

****Prof. do Dept^º de Artes da UFPB, Campina Grande e teatrólogo.

BIBLIOGRAFIA

- CHIANCA, Luciana. "O maior São João do Mundo". Monografia Estágio Supervisionado II. Curso C. Sociais, UFPB, C. Grande, PB.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão, 6ª edição, Petrópolis, Vozes, 1987.
- PRADO, Regina de Paula Santos. Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Un. Fed. do Rio de Janeiro, 1977.
- WEFFORT, F. Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular. In: A cultura do povo. Edênio Valle, José J. (organs.). 4ª ed. São Paulo, Cortez Instituto de Estudos Especiais, 1988.